

PROJETO DOCE LEITURA: RELEITURA, DISCUSSÃO, ADAPTAÇÃO E TEATRO DE SOMBRAS SOBRE O TEXTO “UM CASO DE AMOR OU UMA TRAGÉDIA MATEMÁTICA”

José Francisco Duran Vieira; Maurício Mailan Lange
Mestre em Ensino de Ciências e Matemática; Mestre em Ensino

*Escola Municipal de Ensino Fundamental Ministro Arthur de Souza Costa, e-mail:
jf.duran1963@gmail.com; mauriciomlange@gmail.com.*

Práticas escolares, universitárias e de formação docente

Resumo

Este trabalho foi desenvolvido a partir de um projeto da Secretaria Municipal de Educação - SMED de Pelotas/RS, denominado Doce Leitura. Embasada nessa proposta foi repensado um subprojeto no intuito de utilizar de forma interdisciplinar um texto narrativo de autor anônimo intitulado “Um caso de amor ou uma tragédia Matemática”, o qual explora através de seu relato, um conturbado relacionamento amoroso contendo inúmeros conceitos Matemáticos em seu enredo. Nessa perspectiva, foi proposto para a turma 18A/2016 que além de se apropriarem desses conceitos, repensassem um outro final para a história incitados pelas discussões promovidas sobre as questões de gênero que são trazidas pelo referido texto.

Palavras-chave: Matemática, Literatura, Gênero, Homofobia, Interdisciplinaridade.

Introdução

A escola necessita constantemente ser um espaço de intervenção que contemple a discussão de forma ampliada todas as temáticas necessárias para a formação cidadã dos educandos. Desde a antiguidade as sexualidades vêm gerando polêmicas, mexendo com a sensação e fantasia das pessoas, associada a coisas feias, inconvenientes e impróprias, muitas vezes, alicerçadas por valores morais, religiosos e políticos. E nos espaços escolares não é diferente. Aliás, essa temática geralmente está atrelada a uma sexualidade reprodutiva, que segundo Furlani (2013, p. 73), “concebe apenas a penetração vaginal como prática sexual” na qual é ainda reforçada através da disciplina de Ciências no Ensino Fundamental, pela utilização

do termo “aparelho ou sistema reprodutor” para designar a função dos nossos órgãos sexuais ao invés de “aparelho ou sistema sexual” nas quais esse termo de linguagem estaria:

[...] politicamente interessada em um entendimento mais amplo de sexualidade e de vida sexual, e entende os órgãos sexuais, as estruturas internas e externas, os processos de maturação orgânica, a relação que cada um/uma de nós estabelece com o corpo, como algo que perpassa toda a vida e não apenas o período reprodutivo. Optar em falar “sexual - e não “reprodutor” - implica conceber a sexualidade numa dimensão prazerosa (de gratificação sentimental e física), onde a procriação deve ser uma consequência e um direito de escolha (FURLANI, 2013, p. 75).

Além disso, Mendes (2005, p. 53-54) apud Bezerra & Mendes, diz que:

Para que o ensino de Matemática alcance seus objetivos, proporcionando aos estudantes oportunidades de desenvolverem habilidades e conhecimentos úteis, e que os preparem, como homens comuns, para ter uma compreensão relacional do conhecimento matemático ensinado na escola, é necessário a utilização de uma metodologia que valorize a ação docente do professor, através de um ensino partindo do concreto para o abstrato.

Sendo assim, trazer um tema transversal para estimularmos a participação e a construção do conhecimento dos educandos em qualquer área do conhecimento, auxilia nessa valorização da ação docente e desperta a curiosidade no aluno em descobrir e discutir assuntos tão importantes para a sua formação como cidadão.

É nessa perspectiva que buscamos, neste subprojeto, novos caminhos para tentar desconstruir os preconceitos e paradigmas criados em nossos alunos durante suas experiências anteriores.

Objetivos

- a) Objetivo Geral
 - Demonstrar as possibilidades de interconexões das múltiplas linguagens com a Matemática.

- b) Objetivos Específicos
 - Ler e interpretar a história;
 - Identificar termos desconhecidos e pesquisar seus significados;
 - Discutir gênero e o papel social pré-estabelecidos pela sociedade;
 - Reelaborar outro final para a história em decorrência dos debates estabelecidos;
 - Contar a readaptação da história através da utilização do Teatro de Sombras.

Metodologia

A partir do projeto proposto pela Secretaria Municipal de Educação - SMED, denominado DOCE LEITURA, o qual tinha como objetivo principal “fomentar mais atividades de leitura significativa, em toda a rede municipal de ensino, proporcionando o domínio, a interpretação, a compreensão e a produção de textos pelos alunos e, consequentemente, aumentar o índice de leitores assíduos, críticos e autônomos com prazer em realizar leituras na escola e em casa”, o grupo de professores das áreas e dos anos iniciais da escola foram provocados a repensar atividades que contemplassem a produção de textos e leituras de forma prazerosa, e que envolvessem os alunos num trabalho mais interdisciplinar. Pensando nisso, articulou-se uma parceria entre o professor responsável pelo Laboratório de Informática e o professor titular da disciplina de Matemática da 8ª série, turma 18A/2016, e montou-se um subprojeto com a finalidade de explorar através do texto narrativo, conceitos matemáticos e questões envolvendo gênero, identidade de gênero, sexualidades, homofobia etc.

Em um primeiro momento, foi fornecido para a turma o texto “Um caso de amor ou uma tragédia matemática”¹ de autor desconhecido. Foi solicitado que durante a leitura do texto realizado como tarefa para casa, elencassem as palavras que não conheciam, as quais deveriam posteriormente buscar através dos recursos midiáticos no Laboratório de Informática da escola seus conceitos e significados contextualizando-os com a narrativa da história.

Posteriormente, nos reunimos com a turma para discutir o texto, não somente os conceitos matemáticos que são apresentados na história, mas a própria história em si. O triângulo amoroso apresentado pela narrativa nos instiga a refletir sobre as questões hegemônicas e heteronormativas que a sociedade estabelece às sexualidades, aos gêneros, como percebemos e como lidamos com corpos dos outros e como o biopoder transita nesse meio moral, religioso, social e político. Decorrente dessa discussão propomos para a turma que se dividissem em grupos e montassem um roteiro para a elaboração de um curta-metragem no qual abordassem a história, mas que pensassem diante dos debates estabelecidos sobre gênero, um outro final para o conto.

Para a montagem do curta-metragem foi estabelecido a técnica do teatro de sombra em que os grupos ficaram responsáveis pela organização da iluminação, elaboração dos

¹ Disponível em <http://praticaspedagogicas.com.br/blog/?cat=50>>. Acesso em: 13 de jan. de 2018. (83) 3322.3222
contato@senacorp.com.br
www.senacorp.com.br

elementos que dariam vida aos protagonistas da animação e da distribuição dos papéis que cada um seria responsável durante a animação e gravação da narrativa da história.

Devido ao tempo estimado pelo projeto DOCE LEITURA da SMED, a edição acabou ficando com a responsabilidade do professor do Laboratório de Informática.

Referencial Teórico

A escola tem um papel importante na construção para o reconhecimento do respeito às diferenças. O Ensino Fundamental não fica fora disso, muito menos as disciplinas de seu componente curricular. É imprescindível que todas as áreas do conhecimento promovam debates e que fomentem essa discussão, principalmente, a respeito de assuntos que geralmente não são trabalhados em sala de aula com os adolescentes, tais como as questões que abordam as sexualidades, de gênero, preconceitos, homofobia etc. A escola torna-se, muitas vezes, palco de inúmeros sentimentos que alimentam o ódio, a violência e a exclusão de sujeitos que fogem da hegemonia normativa heterossexual.

É preciso quebrar algumas barreiras, padrões e estereótipos que, desde cedo, aniquilam a singularidade, em que o correto é todo mundo parecido, desejosos das mesmas coisas etc.

O preconceito acaba sendo um mecanismo de manutenção da hierarquização entre os grupos sociais e da legalização da inferiorização social, o que, por si só, já evidencia seu estado de violência e ódio. E a criança é exposta desde cedo a esse sentimento, tanto na família como na escola. Esse preconceito ganha mais poder quando está aparentemente normalizado em nosso cotidiano. A homofobia, dessa forma, se internaliza.

Invisível, cotidiana, compartilhada, a homofobia participa do senso comum, embora venha a culminar, igualmente, em uma verdadeira alienação dos heterossexuais. Por essas razões é que se torna indispensável questioná-la no que diz respeito tanto às atitudes e aos comportamentos quanto a suas construções ideológicas (BORRILLO, 2010, p. 17).

É necessário falar desses sentimentos, romper com esse silêncio contribuindo com atividades nas escolas que amenizem a homofobia desde a infância, as quais poderiam ajudar a desconstruir essas ideologias ditas como verdadeiras, em que perduram dois fenômenos que cooperam para que esse sentimento se perpetue, principalmente na educação:

O primeiro é o silêncio a respeito do tema, seja nos materiais didáticos e nas aulas sobre educação sexual e cidadania, seja nas respostas dos profissionais de educação a situações percebidas de discriminação homofóbica. O segundo é o papel heteronormativo desempenhado pelas escolas, significando a eternização, a reprodução e o reforço do modelo das relações heterossexuais e dos papéis de gênero tradicionalmente atribuídos ao masculino e ao feminino, em detrimento do incentivo ao respeito à diversidade, e contrariando a visão da escola como um espaço de transformação (REIS, 2015, p. 155).

Não somente o papel estabelecido pelo social heterossexista reforça esses atributos como também os materiais utilizados nos planejamentos diários pelos professores, que muitas vezes se apresentam travestidas de concepções, as quais reforçam o sentimento homofóbico.

Precisamos urgentemente rever essa forma de lidar com as diferenças e com as dissidências sexuais e de gênero, ainda mais diante das ameaças da implantação da Escola sem Partido², que sustenta em seus argumentos

[...] estatuir uma lei que define o que é ciência e conhecimentos válidos, e que os professores só podem seguir a cartilha das conclusões e interpretações da ciência oficial, uma ciência supostamente não neutra. Para isso, manipula até mesmo o sentido liberal de política, induzindo a ideia de que a escola no Brasil estaria comandada por um partido político e seus profissionais e os alunos seres idiotas manipulados (GAUDÊNCIO, 2017, p. 29).

O autor ainda salienta que além de cogitar tal manipulação, o termo grifado entre aspas – “sem” – quer-se frisar, segundo seus proclamadores,

[...] da escola do partido absoluto e único: partido da intolerância com as diferentes ou antagônicas visões de mundo, de conhecimento, de educação, de justiça, de liberdade; partido, portanto, da xenofobia nas suas diferentes facetas: de gênero, de etnia, da pobreza e dos pobres etc. Um partido que ameaça os fundamentos da liberdade e da democracia (GAUDÊNCIO, 2017, p. 31).

O alvo real da Escola sem Partido, em sua essência, é a mordaza à livre discussão e a livre manifestação de pensamento nas instituições escolares, nas quais os processos democráticos têm sido cada vez mais demandados por alunos em todas as instâncias do processo educacional.

² Criado em 2004, com o objetivo manifesto de “dar visibilidade à instrumentalização do ensino para fins políticos, ideológicos e partidários”, a organização Escola sem Partido se apresenta como um “movimento” e como “uma iniciativa conjunta de estudantes e pais preocupados com o grau de contaminação político-ideológica das escolas brasileiras, em todos os níveis: do ensino básico ao superior” (ALGEBAILLE, 2017, p. 64). (83) 3322.3222

Engana-se quem pensa que os jovens buscam participar apenas das decisões relacionadas aos aspectos administrativos da escola. Nas ocupações escolares ocorridas em 2015 e 2016, por exemplo, o protagonismo dos estudantes colocou em xeque as relações de poder entre os gêneros e a marginalidade das diversidades (FALZETTA, 2017).

Conforme salienta Falzetta (2017), entre os temas debatidos durante essas ocupações foram as demonstrações de afeto homoafetivas que, assim como na sociedade, acontecem também nas dependências das escolas. “É cada vez mais necessário que os gestores escolares e professores sejam preparados para lidar com as diferentes expressões de afeto, sem dar tratamento diferenciado a ninguém” (FALZETTA, 2017).

Desta forma, além de coibir o livre arbítrio das pessoas – no pensar, no agir, de se expressar etc. – nas questões de gênero, condensa-se e alimenta-se o preconceito e o ódio, reforçando princípios norteados da hierarquização das sexualidades, nas quais fundamenta a homofobia, e conseqüentemente, “a evocação constante da superioridade biológica e moral dos comportamentos heterossexuais faz parte de uma estratégia política de construção da normalidade sexual” (BORRILLO, 2010, p. 30).

Isso também endossa a uma homofobia interiorizada e principalmente a uma homofobia institucionalizada, não somente pelo pensamento da hegemonia binária heterossexual, como na internalização da hostilidade anti-homossexual.

Logo, as questões de gênero, identidade de gênero, formas de amar, concepções familiares etc. são temáticas que podem ser exploradas desde a infância, sobretudo, no ambiente escolar.

Portanto, é imprescindível um comportamento pedagógico direcionado a modificar a dupla imagem primitiva de uma heterossexualidade vivenciada como natural e de uma homossexualidade retratada como um distúrbio afetivo e moral.

Referências

ALGEBAILLE, Eveline. Escola sem Partido: o que é, como age, para que serve. In: FRIGOTTO, Gaudêncio. Escola “sem” partido: esfinge que ameaça a educação e a sociedade brasileira. Rio de Janeiro: UERJ, LPP, 2017.

APOSTILA OFICINA DE VÍDEO. Disponível em: <<https://festivaldevideo.files.wordpress.com/2014/05/oficina-de-vc3addeo.pdf>>. Acesso em: 15 de jul. de 2016.

BORRILLO, Daniel. Homofobia: história e crítica de um preconceito. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FALZETTA, Ricardo. Como lidar com as relações homoafetivas na escola? Disponível em: <<http://blogs.oglobo.globo.com/todos-pela-educacao/post/como-lidar-com-relacoes-homoafetivas-na-escola.html>>. Acesso em: 16 de set. de 2017.

FURLANI, Jimena. Educação sexual: possibilidades didáticas. In: LOURO, Guacira L; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana V. (Orgs.). Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

FRIGOTTO, Gaudêncio. A gênese das teses do Escola sem Partido: esfinge e ovo da serpente que ameaçam a sociedade e a educação. In: _____ (Org.). Escola “sem” partido: esfinge que ameaça a educação e a sociedade brasileira. Rio de Janeiro: UERJ, LPP, 2017.

BEZERRA, Odenise Maria; MENDES, Iran Abreu. Atividades investigatórias no ensino de Equações: Contribuições para a Formação de Professores. Disponível em: <<http://www.fae.ufmg.br/ebapem/completos/01-30.pdf>>. Acesso em: 13 de jan. de 2018.

REIS, Toni. Homofobia no ambiente educacional: o silêncio está gritando. Curitiba: Appris, 2015.